

# FLORESTAN FERNANDES E O SOCIALISMO

Oswaldo Coggiola

Um dos conceitos preferidos e mais reiteradamente utilizados por Florestan Fernandes, quer na sua obra sociológica, quer naquela propriamente política, era o de “desenvolvimento desigual e combinado”. Ele está presente na maioria de seus escritos de fôlego, às vezes explicitamente, e às vezes de modo implícito, como no primeiro parágrafo da sua contribuição na famosa coletânea sobre o Brasil, publicada em *Les Temps Modernes* em 1967: “Brasil vive, simultaneamente, em várias idades histórico-sociais. Presente, passado e futuro se entrecruzam e confundem, de tal modo que é possível passar de um estágio histórico para outro através do meio mais simples: o do deslocamento no espaço”.

## Florestan e o PSR

Não é em absoluto irônico que, na hora da sua morte e do balanço apressado da sua obra e do seu significado para o Brasil, o próprio Florestan fosse considerado como uma expressão dessa “lei”, ao ser qualificado como “um dos demiurgos do Brasil moderno”, e como o mais irredutivelmente socialista dos seus intelectuais, ou seja,

como portador simultâneo (“combinado”) da “modernidade” (burguesa) e da sua negação socialista. Se, por um lado, temos aqui o nó da contradição à qual viu-se confrontado, ao longo de toda a sua trajetória, aquele que não poucos consideram o maior intelectual brasileiro do século, temos também, por outro lado, uma das chaves para entender a relação entre o pensamento de Florestan e a luta pelo socialismo no Brasil.

O conceito citado anteriormente pertence ao arsenal do pensamento de Trótski, e a própria relação de Florestan com o socialismo só se deixa entender pela sua militância inicial (isto é, que precedeu à sua trajetória acadêmica) nos anos 40, no Partido Socialista Revolucionário, seção brasileira da IV Internacional fundada por Leão Trótski em 1938, liderada por Hermínio Sacchetta até a sua dissolução, no início dos anos 50.

Embora o PSR nunca atingisse uma estatura político-organizativa realmente partidária, a militância nele marcou Florestan de um modo em absoluto superficial. Ele próprio se referiu verbalmente ao assunto, em palestra num curso de pós-graduação ministrado por Carlos Guilherme Mota, no Departamento de História da USP, no segundo semes-

tre de 1981, quando relatou a “crise de consciência” que lhe provocou a sua saída do PSR no início dos anos 50, para cumprir com obrigações decorrentes da carreira acadêmica, então nos seus primórdios (manifestou também o seu agradecimento retroativo ao apoio que Antonio Candido lhe dera na ocasião). Em 1986, agora por escrito, voltou a adotar o tom confessional para referir-se a essa transição decisiva, que o marcaria para o restante da sua existência:

“Passado o período de militância, defrontei-me com uma acomodação improdutiva: ou ser militante, com o sacrifício de minhas possibilidades intelectuais, ou ser universitário, com atividades políticas de fachada, mistificadoras. Uma tormentosa crise foi resolvida com a generosidade dos companheiros políticos, que viam claro a realidade: a esquerda ainda não possuía partidos que pudessem aproveitar o intelectual rebelde de forma produtiva para o pensamento político revolucionário. Por sua vez, Antonio Candido ajudou-me a conviver com feridas e frustrações, que sugiam como um pesadelo e me levaram a sublimar a castração política parcial com uma prática exigente e (acredito) autopunitiva do significado da responsabilidade do intelectual”.

### O “intelectual inorgânico”

Em 1981 ainda, Florestan explicou que, superado o dilema inicial, e já de retorno de uma experiência acadêmica no exterior, defrontou-se com a inexistência no Brasil de um partido de esquerda ao qual pudesse servir de “intelectual orgânico”, fora do próprio PCB (do qual rejeitava a sua natureza stalinista). Os depoimentos de contemporâneos e a pesquisa deveriam, hoje, ajudar a reconstituir a passagem de Florestan pelo PSR, que teve para ele pelo menos tanta importância, na sua opção político-intelectual ulterior, quanto a sua origem social na classe operária, filho de uma lavadeira portuguesa e obrigado a trabalhar desde criança. A militância no PSR durou uma década (desde 1942-3 até 1952), também os anos de formação do Florestan intelectual e acadêmico (que lecionou na Faculdade de Filosofia a partir de 1945). Em 1991, Florestan voltou sobre esse período, em depoimento a *Teoria & Debate*:

“Comecei a frequentar as redações de *O Estado de S. Paulo*, e principalmente da *Folha da Manhã*, onde conheci o Hermínio Sacchetta, que era líder do movimento trotskista, ligado à IV Internacional. Assim, em 43 me tornei militante do Partido Socialista Revolucionário na célula a que pertenciam o Sacchetta, Rocha Barros, Plínio Gomes de Mello, Vítor de Azevedo e José Stacchini... Os comunistas levavam as pessoas para reuniões, festas, conferências, mas havia um elemento autoritário que eu repelia. Com a filiação ao PSR, a seção brasileira da IV Internacional, minha militância se tornou sistemática. Nessa época, fiz a tradução da *Crítica da economia política*, de Marx... (no PSR) Eu me mantive até o início dos anos 50. Aí os

próprios companheiros acharam que não seria conveniente que eu desperdiçasse o tempo em um movimento de pequeno alcance, quando podia me dedicar a trabalhos de maior envergadura na universidade. O Sacchetta, que era um homem esclarecido, me aconselhou: “É melhor você se afastar da organização e se dedicar à universidade, que vai ser mais importante para nós”.

A partir daí, teria início o dilema que preocupou e, visivelmente (pela frequência com que apa-

***Florestan defrontou-se com uma tarefa tríplice: fundar uma sociologia científica no Brasil; fazê-lo com base no desenvolvimento do pensamento marxista e fazer ambas as coisas combatendo o dogmatismo, de cunho stalinista, perigo inevitável diante da preponderância do PCB na intelectualidade de esquerda brasileira.***

rece nos seus trabalhos e depoimentos), até atormentou Florestan Fernandes, durante toda a sua existência: o da unidade entre teoria e prática, sob o ângulo de um intelectual, ou seja, não apenas o do “engajamento” político-social, mas também o da perspectiva teórica a ser adotada no trabalho intelectual, e a vinculação deste com o desenvolvimento histórico real. São constantes as suas referências a uma situação histórica que, nas suas próprias palavras, “arranca o sociólogo do ga-

binete, integrando-o nos processos de mudança social, fazendo-o sentir-se como alguém que possui o que dizer e que, eventualmente, poderá ser ouvido... A sociedade, que não lhe pode conferir sossego e segurança, coloca-o numa posição que o projeta no âmago dos grandes processos históricos em efervescência”.

Florestan defrontou-se com uma tarefa tríplice: 1) fundar uma sociologia científica no Brasil; 2) fazê-lo com base no desenvolvimento do pensamento marxista; 3) fazer ambas as coisas combatendo o dogmatismo, de cunho stalinista, perigo inevitável diante da preponderância do PCB na intelectualidade de esquerda brasileira. Levou-a ele adiante caindo numa espécie de ecletismo teórico, como parece sugerir Carlos Guilherme Mota? Ou a sua vinculação com as “ciências sociais” obedeceu ao padrão definido pelo sociólogo (e, então, também trotskista) Pierre Fougeyrollas: “A pretensa conciliação entre ciências sociais e marxismo é comparável ao casamento da água com o fogo, cujo resultado só poderia ser a extinção do fogo. Entre a ideologia das ciências sociais e o marxismo é preciso escolher. Escolhendo o marxismo, é possível integrar os saberes fragmentários fornecidos pelas ciências sociais. Escolhendo as ciências sociais como tais, é completamente impossível integrar o marxismo”.

Florestan foi sempre consciente da separação total entre a sociologia marxista e a não-marxista, partidário declarado da primeira, o que lhe forneceu o conceito-chave para a sua análise diferenciada da “revolução burguesa no Brasil”, definido nestes termos: “Fora da sociologia marxista prevalece o intento de explicar a revolução burguesa somente pelo passado (especialmente pela vitória sobre uma aristocracia deca-

dente e reacionária, variavelmente anticapitalista), ignorando-se ou esquecendo-se a outra face da moeda, com frequência mais decisiva: a imposição da dominação burguesa à classe operária”.

### Sociologia e política

Não parece, portanto, que tenha estado entre as suas intenções a elaboração de uma “síntese original” entre “Wright Mills, Thorstein Veblen, Max Weber, Karl Mannheim e Karl Marx” para analisar o Brasil, como afirma Emília Viotti da Costa, embora ela acerte em situar o dilema central de Florestan e seu contexto histórico-social:

“Como conciliar rigor acadêmico e militância política é uma questão que tem atormentado, senão mesmo paralisado, muitos intelectuais do nosso tempo. São poucos os que, como Florestan Fernandes, conseguiram satisfazer as demandas, por vezes contraditórias, desses dois tipos de envolvimento. A maioria acabou por sucumbir ao desafio, ou abandonou o trabalho intelectual para dedicar-se à política, ou sacrificou a militância às exigências da academia. Esse dilema é peculiar ao nosso tempo, quando o intelectual se profissionalizou e suas atividades como professor, pesquisador e escritor tornaram-se cada vez mais absorventes, em detrimento do engajamento político”.

### A tarefa múltipla

Vejam os mais de perto a tríplice tarefa com que se defrontou a obra de Florestan. De um lado, ele é legitimamente considerado como o principal introdutor da “sociologia moderna” no Brasil. No entanto, ele não se fazia ilusões sobre essa sociologia, cujas origens históricas na crise do capitalismo e da necessidade desse sistema de adequar-se a ela, ele sabia reconhecer: “A so-

ciologia nasceu da crise do sistema capitalista moderno, no século XIX, como um conjunto de preocupações que apanham a mudança. Trata-se de um sistema de civilização que necessita da mudança para se manter em equilíbrio. O essencial é partir da idéia de sociedades que mudam, que, quando não se transformam, se enfraquecem”. Florestan nada teria oposto à conhecida definição de Anísio Teixeira: “Em rigor, as ciências sociais são ciências políticas, só podendo ser aplicadas quando forem aceitas

*De um lado, ele  
(Florestan) é  
legitimamente  
considerado como o  
principal introdutor  
da “sociologia  
moderna” no Brasil.  
No entanto, ele não se  
fazia ilusões sobre  
essa sociologia.*

politicamente, ou seja, quando aceitas pela estrutura do poder”.

Isto significa uma tarefa dupla, ou um desdobramento necessário da tarefa inicial: induzir, junto à necessária introdução da “modernidade sociológica” (sem a qual o pensamento brasileiro ficaria atrelado ao padrão tradicionalista), a sua própria crítica. Esta provinha, simultaneamente, de um campo exterior à sociologia acadêmica (o marxismo, que em Florestan precedeu à sociologia) e de um campo interior, como manifestação da autoconsciência da crise sociológica, tal como foi sintetizado pelo seu discípulo Octávio Ianni: “Estamos assistindo

à decadência da “imaginação sociológica”. Com a implantação e expansão da divisão do trabalho no campo das ciências humanas, com a institucionalização dessa atividade científica, com a redefinição social dos significados políticos do conhecimento relativo ao social, abandonam-se paulatinamente as possibilidades abertas pelos pioneiros das ciências humanas. Em especial, procura-se abandonar a problemática dos clássicos e a compreensão básica dos tipos de vinculação dos homens entre si e com as configurações histórico-estruturais”.

A possibilidade de sair dessa ambigüidade situacional estaria dada pela prática do que um analista da obra de Florestan definiu como “saber militante”, ou seja, através de uma “sociologia engajada”, cujo padrão básico fora definido por T. B. Bottomore em 1974: “O teste básico de qualquer ‘teoria crítica’ ou ‘sociologia de oposição’ só pode ser o desenvolvimento ou o fracasso em desenvolver movimentos sociais de ampla escala, que busquem criar, e comecem a fazê-lo na prática, uma forma de vida social igualitária, não coercitiva. Neste meio-tempo a teoria permanece hipotética. O que justifica a sua existência atualmente e torna tal investigação teórica válida é a potencialidade que se manifestou no movimento operário e nos novos movimentos sociais da década passada no sentido de uma atividade renovada para transformar a sociedade”.

Num escrito de 1967, Florestan nomeava esperançosamente os potenciais membros da “escola” para a qual se considerava “fio condutor”: “Servi como uma espécie de fio condutor, ligando hipóteses e conclusões fundamentadas em várias investigações, realizadas por mim ou por Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Luiz Pereira, Marialice Mencarini Foracchi, Paulo Singer, Juarez Brandão Lopes,

Leôncio Martins Rodrigues Neto, Maria Sylvia Carvalho Franco Moreira, Roberto Cardoso de Oliveira, José Carlos Pereira, José de Souza Martins, José Cesar Aprilanti Gnaccarini, Gabriel Cohn e vários outros colegas (alguns de outras cadeiras, como Francisco C. Weffort, Fernando Novaes, Emília Viotti da Costa, Nícia Vilela Luz, Gioconda Mussolini, Eunice Ribeiro Durhan etc.) É provável que, no futuro, se possa ir mais longe, corrigindo-se as lacunas do esquema de referência que tentei construir sobre fundamentos ainda relativamente precários”.

Como é bem sabido, as identidades políticas construídas pelos membros desse grupo foram as mais diversas, sendo as mais notórias (a começar pelo próprio FHC) diametralmente opostas aos anseios políticos de Florestan. Como quer que seja, nos anos seguintes Florestan seria muito otimista quanto ao futuro rumo político da *intelligentsia* latino-americana e brasileira, em especial sob a influência da revolução cubana, que teria dado “alento às correntes sociais que não se empenhavam, apenas, em combater ‘os problemas humanos do subdesenvolvimento’, mas em corrigir, simultaneamente, os dilemas materiais e morais da ordem social capitalista; e compeliu os ‘círculos de esquerda’, de diversos matizes, a reverem e a modificarem a estratégia anterior, de contenção do radicalismo político e de apoio decidido a um nacionalismo econômico desproporcionalmente benéfico aos interesses empresariais”.

Nesse quadro, e contra o pano-de-fundo das ditaduras militares, um importante papel histórica estava reservado aos intelectuais. Sobre esse papel potencial, Florestan se expressou em termos claramente otimistas: “As ditaduras militares atuais e seus possíveis sucedâneos não podem evitar um colapso futuro (que poderia

ser evitado unicamente se uma revolução burguesa autônoma ocorresse, como sucedeu nos Estados Unidos e no Japão). A consciência política de tal situação histórica não foi alcançada por todos os intelectuais. No entanto, os círculos intelectuais mais maduros e resolutos da *intelligentsia* latino-americana estão aprendendo, através de experiências concretas. De um lado, estão descobrindo os meios potenciais da revolução socialista na América Latina (tão diversos dos modelos ‘clássicos’ já conhecidos). Por outro lado, estão acumulando novos conhecimentos sobre a estrutura e a dinâmica do sistema de classe sob o capitalismo dependente, ou seja, conhecimentos que constituirão a base para uma teoria viável da revolução socialista na América Latina”.

### Intelectuais e socialismo

Uma década depois, Florestan constatava que o colapso das ditaduras não realizava essas previsões, muito especialmente no que diz respeito à inevitável radicalização política da *intelligentsia*. Ele atribuiu às mudanças estruturais do capitalismo a raiz desse processo: “No presente, o capitalismo oligopolista vinculado à automatização e à administração informatizada aumentou, sob esse aspecto, o espaço da classe dominante e reduziu drasticamente a capacidade de iniciativa dos de baixo”.

Por outro lado, deve-se constatar que as condições de miséria social que, no seu momento, precederam o surgimento da “sociologia crítica” não fizeram senão piorar. Essas mesmas condições, combinadas com a crise política das ditaduras (o seu “colapso”), foram palco do nascimento de movimentos inéditos dos trabalhadores, pela sua amplitude e profundidade, que propiciaram, por exemplo, no Brasil, o surgimento da CUT e do PT. As condições objetivas e subjetivas que deveriam favorecer um engaja-

mento socialista da intelectualidade, no entanto, produziam o efeito contrário. Florestan constatou claramente: “Muitos intelectuais e políticos da ‘esquerda’ - antigas vítimas da ditadura, lutadores de proa da década de sessenta ou no início dos setenta e grandes esperanças do radicalismo democrático e do socialismo - aderiram a esse jogo, sem rebuços. O mesmo acontece com organizações e entidades políticas que deveriam ser proletárias e se mostram ‘aliancistas’. Ao que parece, o desenraizamento não chegou tão fundo a ponto de desprender os intelectuais rebeldes, os políticos inconformistas e as organizações e entidades revolucionárias da ordem burguesa, identificando-os com o socialismo proletário. Conformam-se aos papéis de campeões da ‘normalidade institucional’, como cauda do movimento político conservador, cérebros do ‘mudancismo’ e mão civil da transição lenta e segura...”

A perspectiva teórica de Florestan se modificava no confronto com o desenvolvimento histórico e a luta de classes. Não foi casual que, no 50º aniversário da morte de Leão Trótski, não vacilasse em repor claramente “o conceito de revolução permanente de Marx e Engels em uma perspectiva simultaneamente teórica e prática, indo ao fundo dos dinamismos coletivos das classes despossuídas na impulsão e na fusão dialética de reforma e revolução sociais”, fazendo desta reposição a base para ser “implacável com os ‘fariseus’ que se proclamam socialistas ou ex-marxistas, mas cerram fileiras com as correntes intelectuais da moda a partir dos centros de produção cultural e de propaganda das nações capitalistas centrais. A democracia que nasce do marxismo nada tem a ver com a democracia plutocrática”.

Com toda essa bagagem, Florestan estava mais do que preparado para denunciar o novo alibi

ideológico do reformismo e do farsaísmo, posicionando-se, nas polémicas ideológicas mais recentes, contra a possibilidade de que “o socialismo desapareça e que o marxismo se torne uma peça de museu, tema de mera reflexão abstrata de historiadores, filósofos e cientistas sociais. Ora, o que é questionável é a existência de um ‘neoliberalismo’. Harold Laski já demonstrou que o liberalismo não sobreviveu à transformação histórica das condições que o engendraram. Hoje, sua argumentação encontra suporte ainda mais sério. Que ‘neoliberalismo’ poderia ajustar-se ao desenvolvimento das multinacionais, à internacionalização do modo de produção capitalista em seu modelo oligopolista e ao sistema de poder que resultou dessas metamorfoses do capital?”

### Florestan no PT

De tudo que antecede, se depreende que Florestan não se incorporou acriticamente ao Partido dos Trabalhadores, sendo seu deputado federal mais votado (depois de Lula) em 1987, exercendo duas vezes esse mandato. No mesmo momento, denunciava que “o socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder. A revolução proletária volta-se para a emancipação coletiva dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores. Ou o PT decifra a solução correta dessa necessidade histórica na cena brasileira ou ele engrossará as fileiras dos partidos reformistas imantados à ‘reforma capitalista do capitalismo’, ao ‘capitalismo melhorado’ ou ao ‘capitalismo do bem-estar social’. Penso ser esta a principal resposta às indagações, às esperanças e às convicções que nos lançam, dentro do PT, à luta pelo socialismo proletário e revolucionário”.

Há mais de uma década, Florestan Fernandes foi pela primeira vez vítima do colapso do sistema brasileiro de saúde pública, quando, depois de uma operação sem riscos, recebeu uma transfusão de sangue contaminado pelo vírus da hepatite B. A partir desse momento, começou a sofrer sistemáticos problemas de saúde, originados do fígado, que o levaram nos últimos tempos à beira da morte. Os sistemas de detecção do vírus da hepatite B já eram bem conhecidos na época da transfusão, mas não eram aplicados no sistema de saúde pública; isto em plena época do “milagre brasileiro”.

Desde então, a situação piorou, chegando aos níveis do paroxismo, levando a saúde pública brasileira a ostentar índices situados entre os piores do mundo,

vado da sua condição de figura pública e deputado (como o famoso expediente de “furar a fila” dos transplantes) e exigiu ser tratado pelo sistema de saúde pública, como exemplo de luta para a sua defesa. Recentemente, inclusive, recusou a oferta que lhe fizera Fernando Henrique Cardoso, seu antigo aluno e discípulo, para um tratamento *vip* no exterior, sem gastos de sua parte.

A discussão que sua morte deixada será uma ocasião para denunciar a destruição do sistema de saúde pública, a serviço dos grupos capitalistas. “Erro médico” ou “falha de máquina”: até um néscio sabe que quanto pior o funcionamento dos instrumentos e equipamentos (por falta de manutenção) maiores são as chances de erro humano. A atitude valente de Florestan deve ter a merecida resposta dos combatentes que permanecem.

A denúncia do segundo assassinato de Florestan Fernandes deve ser uma plataforma em defesa da saúde e da educação públicas, contra os monopólios capitalistas, contra o imperialismo espoliador do Brasil, contra o governo que impulsiona a política que acelerou a morte do mestre do próprio presidente da República.

Como disse um sindicalista, nem na hora da morte Florestan deixou em paz os inimigos da classe trabalhadora. Ficam conosco o exemplo de uma vida e a fecundidade de uma obra que florescerão nas novas gerações de revolucionários do Brasil e da América Latina, junto aos quais permanecerá como um fermento de revolta e de pensamento crítico, em todas as circunstâncias, para sempre, Florestan Fernandes.

*Oswaldo Coggiola é professor do Departamento de História da USP e vice-presidente da Adusp.*

*Florestan não se incorporou acriticamente ao Partido dos Trabalhadores ... denunciava que “o socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder...”.*

começando por uma epidemia sistemática de “infecções hospitalares”, que levaram milhares de pacientes à morte como consequência de coisas tão simples quanto uma operação de apendicite. É óbvio que se tratou de uma política consciente de destruição da saúde pública, ao serviço da privatização da saúde, que assistiu à constituição de enormes monopólios de mercadores do corpo (cujas empresas não pagam impostos por serem “serviços de interesse geral”!).

Florestan Fernandes sempre recusou qualquer privilégio deri-